

Building the way

“DEUS SIM, DIABO NÃO” – DESAFIOS ENFRENTADOS PELAS MULHERES NAS DÉCADAS DE 1970 E 1980 NO BRASIL, SOBRE O VIÉS DO ROMANCE *HILDA FURACÃO*, DE ROBERTO DRUMMOND

“DEUS SIM, DIABO NÃO”- CHALLENGES FACED BY WOMEN IN THE 1970S AND 1980S IN BRAZIL, FROM THE PERSPECTIVE OF THE NOVEL *HILDA FURACÃO*, BY ROBERTO DRUMMOND

Roseny Alves dos Santos¹ 
Adolfo José de Souza André² 

RESUMO

O artigo analisa o romance *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond, como uma representação das contradições sociais e culturais enfrentadas pelas mulheres brasileiras nas décadas de 1970 e 1980. Embora o ano de publicação do romance seja 1991, e o contexto do romance remente a década de 1950, ele contribui significativamente para as reflexões feministas dos de 1970 e 1980. Nesse período, marcado pela repressão da ditadura militar e pelo início da redemocratização, os movimentos feministas começaram a questionar as estruturas patriarcais, enfrentando barreiras impostas por uma sociedade conservadora e hipócrita. A obra de Drummond, ao narrar a trajetória de Hilda, uma mulher que desafia normas estabelecidas e busca autonomia, reflete os desafios de gênero e do controle social exercido pelas instituições religiosas e culturais. A pesquisa utiliza uma metodologia de revisão

¹Mestranda em Estudos Literários e Interculturalidade no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade pela Universidade Estadual de Goiás (POSLLI/UEG). Bolsista do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da UEG (PPGSS)

alves.roseny@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/1619855708460064>
<https://orcid.org/0009-0004-1898-798X>

²Doutor em Letras e Linguística pela Universidade Federal de Goiás (FL/UFG)

adolfojoseandre@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/6718290160526555>
<https://orcid.org/0000-0003-0986-4043>

Building the way

bibliográfica e tem abordagem qualitativa, de maneira a articular teoria literária, estudos de gênero e reflexões históricas. Quanto à fundamentação teórica do estudo, ela baseia-se em Pinto (2003), Otto (2018), Saffioti (2004), Costa (2021), dentre outros estudiosos. A parte teórica aborda três questões: o contexto político e social das décadas de 1970 e 1980, a hipocrisia social e a libertação feminina representada na literatura. A análise revela como *Hilda Furacão* (1991) critica as normas opressoras e reforça o papel da literatura como instrumento de reflexão sobre as dinâmicas de poder e de resistência feminina. O artigo conclui que o romance *Hilda Furacão* transcende a simples narrativa de uma transgressão individual na década de 1950, mas configurando-se como um reflexo e uma antecipação literária das mobilizações coletivas femininas que ganharam destaque nas décadas de 1970 e 1980. A análise da personagem, no contexto histórico, revela como a literatura atua como instrumento de revelação e problematização das estruturas sociais opressoras. Dessa forma, o romance contribui significativamente para o debate acerca do papel da mulher na dinâmica de transformação sociocultural no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: *Hilda Furacão*; Feminismo; Hipocrisia social; Literatura brasileira; Resistência feminina.

ABSTRACT

The article analyzes Roberto Drummond's novel *Hilda Furacão* as a representation of the social and cultural contradictions faced by Brazilian women in the 1970s and 1980s. Although the novel was published in 1991 and its setting refers to the 1950s, it significantly contributes to feminist reflections of the 1970s and 1980s. This period, marked by the repression of the military dictatorship and the beginning of redemocratization, saw feminist movements challenging patriarchal structures and confronting barriers imposed by a conservative and hypocritical society. Drummond's work, by narrating the trajectory of Hilda—a woman who defies established norms and seeks autonomy—reflects the gender struggles and social control exercised by religious and cultural

Building the way

institutions. The research employs a qualitative bibliographic review methodology, articulating literary theory, gender studies, and historical reflections. The theoretical framework is based on scholars such as Pinto (2003), Otto (2018), Saffioti (2004), and Costa (2021). The theoretical section addresses three key issues: the political and social context of the 1970s and 1980s, social hypocrisy, and female liberation as represented in literature. The analysis reveals how *Hilda Furacão* critiques oppressive norms and reinforces literature's role as an instrument for reflecting on power dynamics and female resistance. The article concludes that the novel transcends a simple narrative of individual transgression in the 1950s, positioning itself as both a reflection and a literary anticipation of the collective feminist mobilizations that gained prominence in the 1970s and 1980s. The character analysis, within its historical context, demonstrates how literature functions as a tool for unveiling and problematizing oppressive social structures. Thus, the novel makes a significant contribution to the debate on the role of women in Brazil's sociocultural transformation dynamics.

KEYWORDS: Hilda Furacão; Feminism; Social hypocrisy; Brazilian literature; Women resistance.

Considerações iniciais

Nas décadas de 1970 e 1980, o Brasil vivia um cenário de intensas transformações sociais e políticas, marcado pela repressão da ditadura militar e pelo início do processo de redemocratização. Nesse período, o papel da mulher na sociedade estava em constante debate, com a emergência de movimentos feministas que questionavam as estruturas patriarcais e buscavam conquistar direitos básicos, como igualdade no mercado de trabalho, acesso à educação e liberdade sobre os próprios corpos. Essas mudanças, entretanto, conviviam com uma forte hipocrisia social, que, enquanto exaltava valores conservadores, mascarava desigualdades profundas e práticas excludentes. Essa tensão entre tradição e mudança está refletida em obras literárias como *Hilda Furacão* (1991), de Roberto Drummond, que traz à tona os desafios enfrentados pelas mulheres ao desafiar normas estabelecidas e ao buscar

Building the way

autonomia em uma sociedade repressiva.

O romance *Hilda Furacão*, publicado em 1991 por Roberto Drummond, situa sua narrativa no contexto histórico dos anos 1950 e início dos anos 1960, um período marcado por profundas transformações sociais e políticas no Brasil, que transitava de uma suposta democracia para o autoritarismo da Ditadura Militar. Mas o grande destaque veio em 1998, com a adaptação de *Hilda Furacão* para uma minissérie da Rede Globo, escrita por Glória Perez e dirigida por Wolf Maya. A personagem central, Hilda, representa uma jovem burguesa que rompe com os valores tradicionais da época ao abandonar sua vida confortável para se tornar uma figura emblemática da zona boêmia de Belo Horizonte, desafiando normas sociais e morais vigentes.

Sua atitude subversiva antecipa e dialoga com os movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980, quando as mobilizações coletivas de mulheres ganharam força para reivindicar direitos, igualdade e autonomia social. Assim, o romance pode ser interpretado como uma ponte literária que conecta a resistência individual de Hilda nos anos de 1950 à reafirmação da luta feminina nas décadas seguintes, refletindo as mudanças socioculturais e políticas do Brasil. Dessa forma, *Hilda Furacão* não apenas retrata um momento histórico, mas também contribui para o debate sobre a construção da identidade feminina e sua resistência frente às imposições sociais, consolidando-se como um marco literário na representação da mulher como agente de transformação sociocultural no Brasil.

O problema central abordado neste artigo é a permanência das barreiras sociais e culturais enfrentadas pelas mulheres durante esse período, as quais, apesar dos avanços significativos, ainda enfrentavam preconceitos e exclusões em diferentes esferas da vida. Isso levanta a seguinte questão-problema: como o romance *Hilda Furacão* (1991) infere e critica as contradições sociais enfrentadas pelas mulheres brasileiras nas décadas de 1970 e 1980? O romance não apenas narra a trajetória de uma mulher que rompe com padrões conservadores, mas também questiona o papel das instituições religiosas e sociais na perpetuação de desigualdades de gênero, de modo a oferecer um retrato crítico da época.

A escolha de analisar o romance *Hilda Furacão* (1991) é justificada pela relevância da obra como um instrumento de reflexão sobre as questões de gênero e as hipocrisias sociais do Brasil no final do século XX. A narrativa literária, ao dialogar com o contexto histórico e cultural, permite explorar de forma rica e crítica as dinâmicas de poder e as

Building the way

resistências femininas diante de uma sociedade marcada por normas patriarcais. Além disso, a adaptação televisiva do romance ampliou sua relevância ao alcançar um público mais amplo e reforçar os debates sobre os desafios femininos no Brasil. Essa análise contribui para a compreensão dos processos históricos e culturais que moldaram a luta pela igualdade de gênero no país.

O objetivo geral deste artigo é analisar como o romance *Hilda Furacão* (1991), evidencia as contradições sociais das décadas de 1970 e 1980 no Brasil, com foco nos desafios enfrentados pelas mulheres em um contexto de repressão e de hipocrisia social. Especificamente, busca-se: a) investigar o contexto político e social brasileiro durante as décadas de 1970 e 1980, evidenciando as barreiras impostas às mulheres; b) discutir as representações sociais da época e como elas perpetuavam desigualdades de gênero; c) explorar como a obra *Hilda Furacão* (1991) critica essas estruturas, destacando a resistência feminina como elemento central da narrativa; d) compreender a relação entre literatura e sociedade, evidenciando a relevância de obras literárias na reflexão sobre questões de gênero.

A metodologia utilizada neste trabalho é baseada em uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo, com o objetivo de analisar o romance de Roberto Drummond à luz de estudos acadêmicos sobre o contexto histórico e social do período. A pesquisa busca articular teoria literária, estudos de gênero e reflexões históricas para oferecer uma análise crítica da obra e de suas implicações para o entendimento das dinâmicas sociais do Brasil na época. O artigo está estruturado da seguinte maneira: além destas considerações iniciais, há uma parte dedicada ao desenvolvimento, na qual o contexto político e social das décadas de 1970 e 1980 é abordado, bem como se discute sobre a hipocrisia social e suas representações, além de abordar a libertação feminina a partir da análise de *Hilda Furacão*; por fim, existem as considerações finais. Essa abordagem permite uma visão ampla e detalhada do tema, de maneira a contribuir para o debate acadêmico sobre literatura, gênero e sociedade.

Desenvolvimento

O romance *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond (1991), contribui para a compreensão das tensões sociais e de gênero dos anos 1950 ao representar, por meio da personagem principal, a ruptura com os

Building the way

valores tradicionais e a emergência de conflitos políticos, sociais e morais que marcaram o período que antecedeu a ditadura militar no Brasil. Embora ambientado nos anos 50, o livro dialoga com as transformações e lutas femininas que se intensificaram nas décadas seguintes, refletindo a marginalização das mulheres, especialmente das prostitutas, e questionando a moralidade vigente e as estruturas opressoras da sociedade. Hilda abandona sua vida social e vai para a Rua Guaicurus:

Depois, no dia 1º de abril de 1959, correu a notícia na qual obviamente ninguém acreditou, todos pensaram que fosse "um 1º de abril": a Garota do Maiô Dourado havia deixado a beira da piscina do Minas Tênis Clube e as missas dançantes e agora estava no quarto 304 no Maravilhoso Hotel, na Rua Guaicurus, coração da Zona Boêmia de Belo Horizonte. Aos poucos, com o passar dos dias e a ausência da Garota do Maiô Dourado na beira da piscina e nas missas dançantes do Minas, a notícia se confirmou e ficou em cada um uma pergunta: "por quê?" (Drummond, 1991, p.42).

No livro, Hilda é retratada como uma moça da alta sociedade mineira, conhecida como "a Garota do Maiô Dourado" no tradicional Minas Tênis Clube, onde encantava os homens e recusava propostas de casamento milionárias. Porém, em um momento decisivo, ela abandona essa vida confortável e respeitável para se refugiar no quarto 304 do Maravilhoso Hotel, um prostíbulo na zona boêmia da cidade, transformando-se na enigmática e sedutora Hilda Furacão. Essa mudança causa um grande escândalo na conservadora sociedade mineira, especialmente por sua ligação com frei Malthus, um jovem dominicano que tenta "exorcizar" o que vê como o "demônio" de Hilda, mas acaba envolvido em um conflito entre virtude e desejo. Eram distribuídos panfletos com os seguintes dizeres:

"Santo exorciza demônio!!!

Hoje às 20 horas, na Rua Guaicurus, grande marcha contra a presença do demônio disfarçado de Hilda Furacão, em Belo Horizonte.

Um Santo vai exorcizar Hilda Furacão, tirar o demônio de seu coração e fazê-la voltar a ser a Garota do Maiô Dourado. Hoje!!! Grande noite do Exorcismo! Concentração: 19 horas e 30 minutos diante da Central do Brasil. Não perca o trem da História!!! Ajude a construir a Cidade das Camélias.

Building the way

Deus sim, Diabo não! (Drummond, 1991, p. 53-53).

A frase “Deus sim, Diabo não!” está relacionada ao conflito moral e religioso presente na história de *Hilda Furacão*. No romance, esse embate se manifesta principalmente na figura do frei Malthus, que tenta exorcizar o “demônio” que vê em Hilda Furacão, simbolizando a luta entre o sagrado e o profano, a virtude e a imoralidade. Esse lema expressa a rejeição do mal (o “Diabo”) e a afirmação da fé e da bondade (o “Deus”), refletindo o ambiente conservador e religioso da Belo Horizonte dos anos 1960, onde a história se passa. Ao mesmo tempo, o romance questiona essa dualidade rígida, mostrando que o amor e a humanidade podem transcender essas categorias, como no relacionamento complexo entre Hilda e o frei Malthus, onde o sagrado e o profano se misturam. Portanto, “Deus sim, Diabo não!” pode ser visto como um símbolo da moralidade tradicional que a sociedade tenta impor, mas que é desafiada pela vida e pelas escolhas de Hilda Furacão. Como pode-se observar no trecho abaixo onde os conservadores religiosos tentam intimidá-la:

[...] logo um séquito de beatas, clareadas pelas tochas acesas, as vozes rezando entremeadas pelos gritos de “Deus sim, Diabo não” e pelas sirenes das radiopatrulhas e dos caminhões do corpo de bombeiros, pois entre os manifestantes há fanáticos, um deles pode atear fogo na pecadora, incendiá-la como uma Joana d’Ard pecadora; os gritos aumentam à medida que a multidão com as tochas acesas liderada pelo Santo, penetrava no território maldito (Drummond, 1991, p.54).

No trecho, um grupo de fiéis religiosos protesta contra Hilda Furacão, vista como pecadora, usando tochas, rezas e gritos como “Deus sim, Diabo não”. Esse comportamento coletivo reforça a identidade do grupo e sua missão moral, refletindo o contexto conservador e religioso da época. A manifestação evidencia a polarização entre o bem e o mal, típica da moral cristã tradicional, e o controle social exercido tanto pela comunidade quanto pelo Estado, que tenta evitar excessos violentos. Assim, a cena exemplifica como a religião e a pressão social funcionam para manter normas e punir quem as desafia.

A personagem Hilda Furacão é um símbolo de resistência às forças conservadoras da época, que detinham o poder e os privilégios sociais e políticos. O romance de Roberto Drummond, publicado em

Building the way

1991, situa a história de Hilda em um período de transição entre os anos 1950 e o início dos anos 1960, que culminou na Ditadura Militar. As mesmas forças conservadoras que apoiaram o golpe militar de 1964 são representadas como as que combatiam Hilda Furacão.

Hilda, uma jovem da alta sociedade de Minas Gerais, estado conhecido por seu conservadorismo e religiosidade, rompe com os valores tradicionais ao se tornar prostituta. Essa atitude a transforma em uma ameaça simbólica para a moralidade e os costumes estabelecidos, especialmente para grupos como as mulheres de famílias tradicionais que viam em Hilda uma encarnação do mal e uma ameaça à ordem social. A narrativa, que mescla ficção e fatos históricos, reflete as tensões políticas e sociais do Brasil pré-1964, incluindo a crise, a miséria, os movimentos estudantis e a participação comunista. O romance *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond, constitui um objeto literário que permite a articulação entre teoria literária, estudos de gênero e reflexões históricas, oferecendo uma análise multifacetada das tensões socioculturais brasileiras da década de 1950.

No âmbito dos estudos de gênero, a personagem central, Hilda, representa uma figura de transgressão dos papéis femininos convencionais ao assumir a prostituição como forma de resistência à moralidade patriarcal dominante. Sua trajetória problematiza o controle social sobre o corpo feminino, as normas de sexualidade e as relações de poder de gênero, dialogando com conceitos fundamentais da teoria feminista, como interdição, desejo e resistência.

Historicamente, o romance situa-se em um período de intensas transformações políticas e sociais, marcado pela crise da democracia brasileira e a ascensão da ditadura militar. A narrativa incorpora elementos históricos concretos, como os movimentos estudantis, a repressão estatal e as disputas ideológicas, contextualizando a experiência individual da protagonista dentro de processos coletivos de opressão e contestação.

Dessa forma, *Hilda Furacão* estabelece uma interseção produtiva entre as dimensões literária, de gênero e histórica, possibilitando uma compreensão aprofundada das dinâmicas sociais e culturais do Brasil da metade do século XX. Essa articulação enriquece o debate acadêmico ao evidenciar como a literatura pode funcionar como instrumento crítico e reflexivo das relações de poder e das transformações sociais.

A literatura tem se configurado como um espaço privilegiado para a problematização da hipocrisia social e a representação da

Building the way

libertação feminina, especialmente em contextos marcados por fortes normas patriarcais e conservadoras. No romance *Hilda Furacão*, de Roberto Drummond, essas temáticas são exploradas de maneira crítica, evidenciando as contradições entre os discursos morais oficiais e as práticas sociais reais.

Paralelamente, a trajetória de Hilda configura-se como um ato de resistência e libertação feminina. Ao desafiar os papéis tradicionais impostos às mulheres, a personagem problematiza o controle social sobre o corpo e a sexualidade, assumindo uma identidade marginalizada que questiona as normas de gênero e moralidade. Essa representação dialoga com os fundamentos teóricos dos estudos de gênero e do feminismo, que enfatizam a autonomia, o desejo e a subversão das interdições patriarcais.

Além disso, a inserção da narrativa em um contexto histórico marcado por tensões políticas, sociais e culturais — incluindo o conservadorismo da década de 1950 e as transformações que antecederam a ditadura militar — amplia a compreensão da hipocrisia social como parte de um sistema mais amplo de controle e repressão. A literatura, nesse sentido, atua como instrumento crítico que desvela as relações de poder e contribui para a reflexão sobre as possibilidades de emancipação feminina.

Portanto, a análise de *Hilda Furacão* permite compreender como a literatura pode articular a denúncia da hipocrisia social e a representação da libertação feminina, oferecendo uma leitura crítica das normas opressivas e das estratégias de resistência desenvolvidas pelas mulheres em contextos históricos específicos.

A trajetória da protagonista Hilda pode ser compreendida como uma metáfora representativa das tensões sociais e culturais enfrentadas pelas mulheres brasileiras nas décadas posteriores à ambientação da obra, situada nos anos 1950. Embora a narrativa se situe em um contexto histórico específico, a personagem antecipa e simboliza conflitos centrais que viriam a caracterizar as lutas femininas das décadas de 1970 e 1980, especialmente no que tange à contestação da moral patriarcal e à rigidez dos papéis sociais tradicionalmente impostos às mulheres.

As décadas de 1970 e 1980 no Brasil foram marcadas por profundas transformações políticas e sociais, especialmente no que diz respeito às lutas femininas. Durante o período da ditadura militar, iniciado em 1964, a censura e a repressão limitaram a organização de movimentos sociais, o que incluiu o feminismo. Ainda assim, grupos de mulheres começaram a se articular, especialmente a partir dos anos 1970,

Building the way

quando movimentos femininos buscaram pautar a desigualdade de gênero como questão política, mesmo enfrentando um regime autoritário (Pinto, 2003). A resistência dessas mulheres foi fundamental para o avanço da luta pelos direitos femininos e para a construção de um feminismo voltado para as realidades brasileiras.

O contexto político da época era caracterizado pela repressão das liberdades civis, mas também pela emergência de novas formas de organização social. O feminismo no Brasil começou a dialogar mais amplamente com questões como trabalho, saúde e violência doméstica, aspectos pouco abordados até então. Nesse sentido, Claricia Otto (2018) destaca que as mulheres, especialmente nas grandes cidades, começaram a se organizar em coletivos e associações, buscando criar um espaço de voz em um país que, até então, marginalizava suas demandas. Assim, esses movimentos se consolidaram como pilares para debates importantes no campo social e político.

A luta feminista também foi atravessada pelas questões de classe e raça. Segundo Ana Carla Farias Alves e Ana Karina da Silva Alves (2020), as mulheres negras desempenharam um papel fundamental, mas frequentemente invisibilizado, na luta contra a opressão. Elas apontam que os desafios enfrentados por mulheres brancas de classe média diferiam significativamente dos vividos por mulheres negras e pobres. Apesar disso, as décadas de 1970 e 1980 foram marcadas por tentativas de construir pontes entre esses diferentes feminismos, promovendo uma maior solidariedade entre as pautas femininas. Nessa perspectiva, a luta feminista no Brasil foi marcada por interseções entre classe social e raça, dimensões que também permeiam a obra *Hilda Furacão*. O romance retrata a diversidade das mulheres inseridas no universo da prostituição, evidenciando os contrastes sociais entre a elite e as periferias urbanas. A narrativa de Drummond possibilita uma reflexão crítica acerca do estigma imposto às mulheres que desafiam os padrões hegemônicos, destacando, simultaneamente, o potencial dessas personagens como símbolos de resistência e complexidade social.

O papel das mulheres nos movimentos sociais também foi ampliado nesse período, quando a redemocratização começou a tomar forma nos anos 1980. A abertura política permitiu que as demandas feministas ganhassem mais visibilidade, especialmente no campo dos direitos trabalhistas e na luta contra a violência doméstica. A esse respeito, Heleieth Saffioti (2004) enfatiza que a questão do patriarcado foi central nesses debates, porquanto mostrou como a estrutura social brasileira

Building the way

perpetuava a desigualdade de gênero. Essa análise foi essencial para questionar as bases culturais que sustentavam as opressões enfrentadas por elas. A personagem Hilda Furacão assume uma posição de combate à repressão feminina e à sua falta de liberdade. No romance de Roberto Drummond, Hilda representa uma ruptura com os valores tradicionais e patriarcais da época, ao abandonar sua posição na elite burguesa para assumir a condição de prostituta, um grupo social fortemente estigmatizado e marginalizado. Essa transgressão expõe as bases culturais e sociais que sustentam a opressão das mulheres, conforme destacado por Saffioti (2004), evidenciando como o patriarcado opera para controlar e punir corpos femininos que desafiam as normas estabelecidas.

Além disso, a trajetória de Hilda Furacão simboliza a resistência contra essa estrutura opressora, ao incorporar a luta por igualdade social e direitos das mulheres marginalizadas, especialmente das prostitutas, que são alvo de preconceito e exclusão social. Dessa forma, a personagem torna-se um instrumento literário que problematiza a reprodução das desigualdades de gênero e questiona os mecanismos culturais que legitimam a dominação patriarcal, alinhando-se à perspectiva crítica proposta por Saffioti (2004) sobre a necessidade de desconstrução dessas bases para a emancipação feminina

No campo político, a criação de partidos progressistas e a atuação das mulheres em sindicatos fortaleceram o feminismo brasileiro. Nesse contexto, Saffioti (2004) aponta que essa participação política não se limitava às demandas femininas, mas também contribuía para as lutas gerais pela democracia e pela justiça social. Esse período foi crucial para consolidar o protagonismo feminino em espaços que tradicionalmente eram ocupados por homens, reforçando a ideia de que as mulheres tinham um papel importante na transformação da sociedade brasileira.

As décadas de 1970 e 1980 também trouxeram um crescente diálogo com o feminismo internacional, especialmente em temas como saúde reprodutiva e igualdade no mercado de trabalho. No entanto, como apontado por Thalles Ferreira Costa (2021), o feminismo brasileiro enfrentou o desafio de adaptar essas ideias ao contexto local. Ele ressalta que muitas das demandas feministas globais precisaram ser reinterpretadas para abarcar as especificidades culturais e sociais do Brasil, o que fortaleceu o caráter plural e inclusivo do movimento.

Apesar dos avanços, o contexto político e social da época ainda apresentava muitos desafios. Nesse ponto, Otto (2018) destaca que a violência contra a mulher permaneceu como um problema estrutural, o

Building the way

qual foi ignorado pelas autoridades e naturalizado pela sociedade. Por conta disso, o movimento feminista desempenhou um papel crucial ao denunciar essas práticas, assim como ao pressionar por mudanças nas legislações que garantissem maior proteção às mulheres. Essa luta foi um marco na construção de uma agenda política voltada para a equidade de gênero.

Outro aspecto importante desse período foi a inclusão do debate feminista em esferas acadêmicas. De acordo com Céli Regina Jardim Pinto (2003), universidades brasileiras começaram a incluir estudos de gênero em seus currículos, promovendo discussões que conectavam o feminismo à teoria crítica. Essa integração entre prática política e reflexão acadêmica foi essencial para o amadurecimento do feminismo no Brasil, o que permitiu que ele avançasse com embasamento teórico e propostas concretas para mudanças sociais.

Nesse sentido, Mary Del Priore (2013), em “História das mulheres no Brasil”, destaca que a história das mulheres no país é marcada por invisibilidade e exclusão, mas também por estratégias de resistência que desafiaram as estruturas de poder. Ela aponta que, nas décadas de 1970 e 1980, essa resistência ganhou força com o surgimento de movimentos feministas e o aumento da participação feminina na vida pública. Assim, o texto de Del Priore (2013) contribui para contextualizar historicamente as ações dessas mulheres, revelando como o passado moldou as possibilidades de transformação social nesse período.

Um aspecto importante apontado por Del Priore (2013) é a relação entre gênero e classe social. Enquanto as mulheres de classe média e alta começaram a ocupar espaços no mercado de trabalho e na política, as das classes populares enfrentavam barreiras ainda maiores, como a exploração econômica e a falta de acesso à educação. Essa análise é essencial para entender que as desigualdades de gênero no Brasil são interseccionais, uma vez que combinam opressões baseadas em classe, em raça e em gênero.

A historiadora Kátia de Queirós Mattoso (1992), em “Ser mulher no Brasil: histórias e desafios”, traz uma perspectiva enriquecedora sobre a condição feminina no Brasil ao longo da história. Sua pesquisa destaca que o lugar social das mulheres foi historicamente determinado por sistemas de dominação patriarcais que se perpetuaram por meio das instituições políticas, religiosas e culturais. Nessa direção, Mattoso enfatiza que, embora esses sistemas sejam desafiados, suas raízes ainda influenciam fortemente a vida das mulheres, especialmente no contexto

Building the way

das décadas de 70 e 80.

De igual modo, Mattoso (1992) também ressalta a importância das práticas culturais e religiosas na manutenção das normas de gênero no Brasil. Ela aponta que as mulheres foram frequentemente relegadas ao papel de cuidadoras e de subordinadas, tanto no âmbito familiar quanto no público. Essa análise é crucial para compreender como o feminismo da época desafiou essas normas, ao propor novas formas de participação feminina e de autonomia pessoal.

A perspectiva teórica de Scott (1995) se inter-relaciona com a abordagem histórica de Del Priore (2013) e de Mattoso (1992) ao tratar o gênero como uma categoria de análise que permite questionar as bases sociais da desigualdade. Essa interseção teórica é importante para compreender como os movimentos femininos nas décadas de 1970 e 1980 construíram suas estratégias de resistência, de modo a dialogar tanto com as tradições culturais quanto com as mudanças políticas emergentes no Brasil.

O uso do gênero como categoria analítica também permite identificar as continuidades e as rupturas na história das mulheres brasileiras. A esse respeito, Del Priore (2013) observa que, embora houvesse avanços significativos no período, como o aumento da presença feminina no mercado de trabalho, as mulheres ainda enfrentavam resistências no que diz respeito à igualdade plena. Esses desafios refletem a complexidade das relações de gênero e a necessidade de uma análise interseccional para abordá-los adequadamente.

Por sua vez, Mattoso (1992) chama atenção para o fato de que a análise histórica do gênero não deve ignorar as experiências vividas pelas mulheres em suas realidades cotidianas. Ela defende que é essencial valorizar as histórias pessoais e as práticas sociais desse público, pois essas narrativas são fundamentais para compreender as mudanças ocorridas ao longo do tempo. Essa abordagem dialoga com a proposta de Scott (1995), que vê no gênero uma ferramenta para reinterpretar a história a partir de perspectivas que foram silenciadas.

Em síntese, as influências teóricas de Scott (1995), Del Priore (2013) e Mattoso (1992) oferecem uma base sólida para analisar o papel das mulheres nas décadas de 1970 e 1980 no Brasil. Suas obras permitem articular uma visão crítica das desigualdades de gênero e das estratégias de resistência feminina, destacando como o contexto histórico, social e político moldou as relações entre homens e mulheres nesse período. Essa abordagem teórica não apenas ilumina o passado, mas, também,

Building the way

contribui para reflexões sobre os desafios contemporâneos enfrentados pelas mulheres.

Outro ponto importante versa sobre a hipocrisia social no Brasil. Ela, durante as décadas de 1970 e 1980, refletia um contexto de repressão política e perpetuação de valores conservadores que condicionavam o papel da mulher na sociedade. Nesse período, a ditadura militar impôs limites às manifestações femininas e reforçou narrativas de submissão, o que dificultou a emancipação. Assim, Daniela Leite Jabes (2021) destaca que, embora as mulheres tivessem maior acesso a espaços, como ao mercado de trabalho, enfrentavam estigmas e preconceitos que restringiam seu progresso, de maneira a reforçar as desigualdades de gênero.

Outro ponto relevante é a desconexão entre as políticas públicas e as demandas das mulheres. Nesse sentido, Matos (2020) ressalta que, mesmo com o surgimento de legislações voltadas para sua proteção, como medidas contra a violência doméstica, sua implementação era limitada e simbólica. Portanto, esse descaso demonstrava como as estruturas sociais e políticas priorizavam a manutenção de valores patriarcais.

A análise de Saffioti (2004) também menciona essa perspectiva ao destacar que o patriarcado permanecia como uma estrutura opressora central. Assim, Saffioti (2004) argumenta que, mesmo com os avanços conquistados, as mulheres enfrentavam resistência em diversos setores da sociedade, desde o mercado de trabalho até as instituições políticas. Essa dualidade entre progresso e resistência caracteriza o contexto da libertação feminina nas décadas de 1970 e 1980, evidenciando os desafios e conquistas do período.

No campo da literatura, *Hilda Furacão* (1991), de Roberto Drummond, simboliza a luta contra os padrões conservadores e o protagonismo feminino em um contexto de repressão social. O romance aborda a trajetória de Hilda, uma personagem que desafia normas sociais ao rejeitar os papéis tradicionais impostos às mulheres. Como pode-se observar nesse trecho do romance, onde é relatado que foi publicado em um editorial do Jornal Estado de Minas, no contexto do romance:

É de lamentar que a Cinderela [Hilda Furacão] da Rua Guaicurus, a musa do pecado, extrapolando todos os limites toleráveis, estenda seus poderes eróticos e, em concubinato com o comunismo ateu e anticristão, acabe por incentivar assembleias outrora pacíficas e ordeiras e transformar a

Building the way

greve numa palavra de ordem tão sem grandeza que Marx e Lenin haveriam de ficar ainda mais vermelhos... só que, desta vez, de vergonha (Drummond, 1991, p.73).

A referência a Hilda como a “Cinderela da Rua Guaicurus” e “musa do pecado” funciona como uma metáfora que subverte a tradicional imagem da personagem de contos de fadas, deslocando-a para o campo da marginalidade e da contestação moral. Indicando a percepção de que a personagem ultrapassa barreiras sociais e éticas estabelecidas, sugerindo um impacto que ultrapassa o âmbito individual para alcançar dimensões coletivas. A menção ao “concubinato com o comunismo ateu e anticristão” revela uma articulação discursiva que associa a figura feminina a um antagonismo ideológico, característico do contexto histórico de tensões entre conservadorismo religioso e movimentos políticos de esquerda no Brasil.

O uso do humor irônico, especialmente na expressão “Marx e Lenin haveriam de ficar ainda mais vermelhos... só que, desta vez, de vergonha”, funciona como um recurso para deslegitimar as manifestações e a personagem, ao mesmo tempo em que revela as contradições e medos presentes no discurso conservador diante das transformações sociais e políticas da época. O trecho exemplifica como a personagem Hilda Furacão é mobilizada discursivamente para representar a interseção entre sexualidade, política e moralidade, servindo como um símbolo das tensões socioculturais que marcaram o Brasil nas décadas de 1970 e 1980. A análise evidencia a complexidade das representações literárias enquanto instrumentos de crítica e reflexão sobre as dinâmicas de poder e resistência. Nesse contexto, Igor Alves Noberto Soares (2019) destaca que a personagem é um símbolo de resistência, o qual representa as contradições de uma sociedade que exaltava valores conservadores enquanto enfrentava mudanças profundas.

Por sua vez, Lizandro Carlos Calegari (2014) analisa como a narrativa expõe a hipocrisia da sociedade brasileira nas décadas de 1970 e 1980. Hilda é retratada como uma mulher que, ao assumir controle sobre sua própria vida, desafia não apenas as normas de gênero, mas também os mecanismos de controle social, como a religião e a moralidade. Essa abordagem literária reflete os dilemas vividos por muitas mulheres reais, que buscavam autonomia em um ambiente hostil, como pode ser observado no trecho abaixo:

Nosso candidato a Santo aceitou prazerosa e devotadamente

Building the way

o convite; ele mesmo ia realizar a cerimônia de exorcismo: ia exorcizar aquela usina de pecado, livrar a Rua Guaicurus e adjacências da presença do demônio que, segundo estava informado, assumia a face de anjo — por isso mais diabólica — de Hilda Furacão; no dia seguinte, os jornais gritaram em manchetes: “Santo promete exorcizar o demônio Hilda Furacão” (Drummond, 1991, p.51-52).

Pode ser evidenciado a hipocrisia da moral oficial ao mostrar um personagem que se apresenta como salvador moral, mas age de forma questionável. Também denuncia a estigmatização de figuras marginalizadas, como Hilda Furacão, rotulada injustamente como "demônio". Além disso, critica o sensacionalismo da mídia, que transforma conflitos sociais em espetáculo, simplificando e polarizando a realidade.

A obra também destaca o papel do poder simbólico na opressão feminina. Segundo Soares (2019), o romance critica as instituições que perpetuavam desigualdades, ao mesmo tempo em que apresentava uma narrativa de resistência. A literatura, nesse caso, serve como um espelho da sociedade, revelando as estruturas opressivas e propondo uma reflexão sobre como elas podem ser desafiadas, como pode ser observado no trecho abaixo:

Frei Malthus alguma vez, você que é Santo, soube como vive um operário brasileiro? Pois eu [Hilda Furacão], que você diz que sou o demônio, sei como vive o operário brasileiro. Sei da fome do povo brasileiro, a fome dos operários, dos favelados, dos subempregados, dos desempregados, e dos que nada têm e que sentem uma fome muito além do pão nosso de cada dia, Frei Malthus. Sentem uma fome de carinho, fome de esperança, meu querido Frei Malthus (Drummond, 1991, p.60).

Sob essa perspectiva, Vinícius José Alves (2017) enfatiza que Hilda representa mais do que uma personagem fictícia: ela é um arquétipo das mulheres que enfrentaram as normas patriarcais em busca de liberdade. Sua independência e coragem contrastam com os valores tradicionais da época, tornando-a uma figura emblemática de resistência e mudança. Essa representação literária inspira debates sobre a autonomia feminina e sobre a desconstrução de estereótipos.

Já Teresa Cristina de Novaes Marques (2015) discute como *Hilda*

Building the way

Furacão questiona as representações femininas na literatura brasileira. A autora observa que a obra rompe com o modelo tradicional de mulher submissa, ao propor uma personagem que desafia as convenções e assume o controle sobre sua narrativa. Essa ruptura é um marco na literatura brasileira, contribuindo para o debate sobre o papel das mulheres na sociedade.

Diante desses pontos, a análise crítica de *Hilda Furacão*, a partir dos autores supramencionados, demonstra que a literatura não apenas reflete a realidade social, mas também contribui para questioná-la. Outrossim, as contradições expostas na obra de Drummond mostram que a hipocrisia social era um elemento central das décadas de 1970 e 1980, mas que também era um catalisador para mudanças e para reflexões sobre igualdade de gênero.

No Brasil da década de 1950, a estrutura social era marcada por valores conservadores e patriarcais, que definham o papel da mulher a esferas restritas, predominantemente domésticas e subordinadas ao controle masculino. A moral vigente enfatizava a pureza feminina e a submissão como virtudes essenciais, limitando a autonomia das mulheres em diversos aspectos da vida social, econômica e política.

Ao abandonar uma posição privilegiada dentro da elite mineira para assumir a condição de prostituta em Belo Horizonte, Hilda realiza um gesto de ruptura que transcende o âmbito pessoal, configurando-se como um ato de contestação social. Essa decisão desafia não apenas as expectativas familiares, mas também a estrutura normativa que regulava o comportamento feminino, baseada na repressão da sexualidade e na manutenção da ordem patriarcal.

A atitude de Hilda pode ser interpretada como um precursor simbólico das reivindicações dos movimentos feministas das décadas de 1970 e 1980, que buscaram politizar temas até então tratados como privados ou tabus, tais como sexualidade, autonomia corporal e inserção da mulher no mercado de trabalho. Esses movimentos questionaram a moral tradicional e lutaram pela desconstrução dos papéis de gênero rígidos, ampliando o debate sobre a liberdade feminina e a igualdade social.

Sob uma perspectiva teórica, a figura de Hilda Furacão exemplifica a tensão entre agência individual e estruturas sociais opressoras, tema central nas teorias feministas contemporâneas. Sua trajetória evidencia como a transgressão dos limites impostos pelo patriarcado pode funcionar como estratégia de resistência e

Building the way

reconfiguração dos sentidos sociais atribuídos à feminilidade.

Dessa forma, a narrativa de Hilda Furacão ultrapassa o âmbito ficcional para se constituir em uma metáfora crítica das dinâmicas sociais que marcaram a experiência feminina no Brasil do século XX. A personagem encarna a complexidade das lutas contra a moral patriarcal e a busca por autonomia, antecipando, no plano simbólico, as transformações sociais que os movimentos feministas posteriores iriam consolidar.

Considerações finais

As análises desenvolvidas ao longo deste trabalho evidenciam o contexto complexo e desafiador enfrentado pelas mulheres brasileiras nas décadas de 1970 e 1980, momento marcado por transformações políticas e sociais significativas. Durante esse período, as contradições entre os discursos de progresso e a manutenção de práticas conservadoras revelaram uma sociedade em transição, na qual as normas patriarcais ainda exerciam forte influência sobre a vida das mulheres. Assim, o movimento feminista emergiu como uma resposta vigorosa a essas estruturas opressoras, promovendo debates sobre igualdade, autonomia e representatividade. Por sua vez, a literatura, especialmente por meio de obras como *Hilda Furacão*, desempenhou um papel crucial ao expor as hipocrisias sociais e oferecer novas perspectivas sobre o papel da mulher.

Hilda configura-se como uma representação feminina multifacetada e ambígua, que desafia a expectativa social de submissão e passividade atribuída às mulheres. Essa caracterização dialoga com as análises de Saffioti (2004), que evidenciam o funcionamento do sistema patriarcal na perpetuação da subordinação feminina. Similarmente às mulheres que posteriormente se organizaram em coletivos e movimentos feministas urbanos, a personagem encarna uma forma de resistência individual frente a uma estrutura social excludente e marginalizadora. Sua recusa em conformar-se aos papéis tradicionais de esposa ou religiosa pode ser interpretada como uma manifestação precoce — ainda que ficcional — de insurgência contra a ordem patriarcal vigente, antecipando discussões que se consolidariam com maior intensidade nas décadas subsequentes.

A trajetória das mulheres nesse período não foi homogênea, pois as experiências variavam de acordo com fatores como classe, raça e religião. Apesar das diferenças, houve um esforço coletivo para ampliar

Building the way

seu espaço na política, no mercado de trabalho e na esfera acadêmica. Esse processo de libertação feminina foi acompanhado por avanços importantes, mas também encontrou barreiras estruturais que limitavam a consolidação de conquistas. Por conseguinte, a análise literária, ao se entrelaçar com a história social, permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas que moldaram as relações de gênero no Brasil da época.

Os desafios enfrentados pelas mulheres nas décadas de 1970 e 1980, embora específicos daquele período, ecoam nas lutas femininas contemporâneas. As estruturas patriarcais, ainda presentes em diversas esferas, continuam a demandar esforços coletivos para serem desconstruídas. Reflexões sobre as conquistas alcançadas mostram que avanços foram significativos, mas insuficientes para garantir uma sociedade plenamente igualitária. A resistência feminina, tanto nas ruas quanto na literatura, permanece como uma ferramenta indispensável para promover mudanças e ampliar os debates sobre as desigualdades de gênero.

Além disso, é importante reconhecer que as transformações sociais dependem de um compromisso contínuo com a inclusão e a diversidade. O período analisado demonstra que, embora o protagonismo feminino tenha ganhado força, desafios como a interseccionalidade e a representatividade ainda exigem atenção. As experiências vividas pelas mulheres nas décadas de 1970 e 1980 oferecem lições valiosas para o enfrentamento das questões de gênero na atualidade, servindo como um ponto de partida para novas lutas e conquistas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ana Carla Farias; ALVES, Ana Karina da Silva. **As trajetórias e lutas do movimento feminista no Brasil e o protagonismo das mulheres**. Salvador: EDUFBA, 2020.

ALVES, Vinícius José. **Hilda: um furacão feminino?** Aracaju: Universidade Federal de Sergipe, 2017.

CALEGARI, Lizandro Carlos. **Do social ao estético: notas sobre 'Hilda Furacão'**, de Roberto Drummond. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2014.

Building the way

COSTA, Thalles Ferreira. **A luta histórica das mulheres no Brasil: das primeiras formas de resistência à normatização interna.** Recife: Editora UFPE, 2021.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2013.

DRUMMOND, Roberto. **Hilda Furacão.** 2. ed. São Paulo: Siciliano, 1991.

FONSECA, Romy Medeiros da. **Lutas e conquistas das mulheres no Brasil.** Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

JABES, Daniela Leite. **Tendências e desafios na carreira científica das mulheres: uma análise no contexto brasileiro.** Frederico Westphalen: URI, 2021.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Representações femininas na literatura brasileira: uma leitura crítica.** Brasília: Editora UnB, 2015.

MATOS, Marlise. **Gênero, feminismo e poder no Brasil contemporâneo.** Belo Horizonte: UFMG, 2020.

MATTOSO, Kátia de Queirós. **Ser mulher no Brasil: histórias e desafios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

OTTO, Clarícia. **O feminismo no Brasil: suas múltiplas faces.** Florianópolis: Insular, 2018.

PINTO, Céli Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência.** São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

Building the way

SOARES, Igor Alves Noberto. **Controle e poder simbólico na obra de Roberto Drummond: narrativas críticas em 'Hilda Furacão'**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2019.

Submetido em: 01/05/2025

Aprovado em: 05/07/2025

Publicado em: 31/07/2025